

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 21 de março de 2018**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja,  
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2015, pp. 278-291*

- *A new creation*
- *Le stoppie aride*

*Glória*

*Veni Sancte Spiritus*

**Carrón:** Boa noite a todos! Vamos trabalhar sobre o segundo aspecto do divino que se comunica na Igreja. O primeiro, como vimos, fala sobre “a verdade, que a Igreja nos comunica com uma clareza e uma segurança definitivas” (p. 278). Mas de que serviria comunicar a verdade se não fosse possível vivê-la? Tudo seria ainda mais complicado. Não é suficiente sabê-la, por isso precisamos do que vamos trabalhar nesta noite, que é o coração do cristianismo: “O comunicar-se de uma realidade divina”. O Papa Bento XVI expressou isso com muita propriedade quando disse que no cristianismo os conceitos tornaram-se carne e sangue: “Cristo [...] dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo” (*Deus caritas est*, n. 12). A verdade tornou-se carne, a comunicação do divino tornou-se carne, experiência. Por isso, o coração do cristianismo não é apenas um ensinamento de “afirmações verbais”, mas a comunicação da realidade divina. Não é apenas uma comunicação da verdade, diz Giussani, mas da própria realidade divina, que de outro modo permaneceria algo distante de nós. Simplesmente “sabendo-a”, o que poderíamos fazer?

Às vezes não nos damos conta de que o coração do cristianismo é esta comunicação da realidade divina que toca o ser humano e o muda, que não fica externa a ele, mas entra nas entranhas do eu fazendo-o tornar-se mais si mesmo: “Permanece homem, tornando-se algo mais” (p. 279). Nesta noite tentaremos descobrir este “alvorecer de uma humanidade diversa” (p. 283), para nos ajudar a olhar a vida desse modo. Onde o vimos? É verdade que esse alvorecer acontece, ou não? Onde o percebemos? Onde surpreendemos este “a mais”, este divino que penetra nos ossos, nos detalhes da vida? Normalmente nos preocupamos muito com o primeiro aspecto – a comunicação da verdade – e menos com o segundo – a comunicação de uma realidade divina –, ou seja, com este a mais de humanidade gerado pelo cristianismo como vida. Se percebêssemos isso, a questão fundamental seria que se tornasse nosso. Giussani tinha muita consciência disso e por isso dizia: “Como foi dilapidada na nossa consciência a força do anúncio de que somos seres recriados! Como foi dilapidada a potencialidade desta autoconsciência nova”, daquilo que carregamos em nossa carne, nas nossas entranhas em tudo o que vemos e tocamos. É por isso que muitas vezes pensamos que se não dizemos certas coisas nossa contribuição é nula, como se o que somos não fosse suficiente, a partir do momento em que “foi dilapidado no uso moralista o conceito de ‘graça santificante’” (p. 282) através da qual o eu torna-se algo mais. O percurso desta noite é para nos ajudar a reconhecer na experiência os sinais do comunicar-se da realidade divina.

**Colocação:** *Nas páginas 281 e 282 de Por que a Igreja, Giussani diz: “Quem vive o mistério da comunidade eclesial recebe uma mudança da sua natureza”.*

**Carrón:** “Recebe, recebe!”. Não é a pessoa que gera a mudança, mas a recebe.

**Colocação:** *“E não somos chamados a anunciar apenas por palavras essa regeneração, somos antes convidados a uma experiência”.*

**Carrón:** “Não somos chamados a anunciar apenas por palavras”. Olhem que não devemos pular nenhuma linha, senão acabamos pensando que nossa tarefa é apenas anunciar por palavras. E então? “Somos convidados a uma experiência”!

**Colocação:** E na página 283, diz: “No cristão, a novidade é chamada a despertar, e, ainda que de forma crepuscular, a se manifestar, como a alvorada de um novo dia. [...] Vendo os primeiros sinais do dia, ela perceberia que o que acontece ante seus olhos é algo diverso, não é mais escuridão”. Lendo estas páginas e falando com alguns amigos pude pensar sobre isso nestas últimas semanas. Aconteceram alguns fatos que despertaram meu eu de modo muito forte e claro e, ao mesmo tempo, surgiram muitas perguntas que não me fazia há muito tempo. Conto, em particular, três fatos. O primeiro: fui fazer um exame oral com uma amiga. A prova era dividida em duas partes: de manhã seria com um assistente e à tarde, com a professora. Outras dez meninas também estavam lá para o exame. Uma delas era um pouco diferente, meio estranha. Ela se aproximou e começamos a repassar as coisas do exame. Ficamos juntas pela manhã e descobri muitas coisas sobre ela: ainda não tinha terminado a faculdade porque não consegue ficar sentada na cadeira durante as provas. Entramos juntas para fazer a prova da manhã, e ela decidiu ficar comigo o resto do tempo. À tarde, a mesma coisa: grudou em mim e em minha amiga enquanto todas as outras meninas a evitavam, por causa da sua ansiedade e perguntas insistentes. Durante o exame com a professora, ela entrou em pânico e queria ir embora. Então, perguntei à professora se eu poderia responder a minha pergunta primeiro. Enquanto eu respondia, ela se acalmou e conseguiu tirar uma boa nota. Quando saiu da sala – já eram seis da tarde – me olhou com olhos arregalados e disse: “Você realmente se ofereceu para responder sua pergunta antes de mim?!”. Não sabia como me agradecer. Propus a ela nos reencontrarmos para fazermos juntas a prova de Latim. No final daquele dia, eu estava feliz. Contando isso a alguns amigos, reconheci uma plenitude e uma liberdade de me lançar que tinham me conquistado totalmente.

**Carrón:** Vocês não falaram sobre coisas “religiosas”. Parece que você não fez nada, no entanto, comunicou tudo àquela menina!

**Colocação:** Segundo fato. Passei dois dias na praia com alguns amigos. Na primeira noite estava um pouco dominada por uma inquietação; estava pensativa e ficava me medindo. Mas todo esse meu sentimento foi por terra em menos de uma hora. No jantar, estávamos muito livres uns com os outros e falamos sobre nossas coisas e sobre as dificuldades deste último período, fazíamos perguntas movidos por um interesse verdadeiro pelo que estávamos vivendo. Todos os dias foram marcados por essa liberdade e cada um deixava transparecer o próprio caráter, sem escândalos e sem aborrecimentos. Era bonito estar juntos, porque cada um era desejado ali exatamente como era. Tive a percepção de que estávamos juntos para podermos nos surpreender com cada coisa, para estarmos juntos na realidade. Terceiro fato. No último final de semana viajei ao exterior com duas amigas da universidade para encontrar duas amigas do CLU. Foram dias muito intensos. Percebi ainda com mais força o que quer dizer que estamos imersos em uma companhia que permite uma mudança radical da nossa natureza a ponto de poder passar dias de amizade verdadeira com pessoas que cotidianamente estão a muitos quilômetros de distância. Pensando nesses fatos, percebo que o elemento comum entre eles é a liberdade que experimentei, sinal de um olhar novo, de uma regeneração vivida na experiência antes de explicá-la com palavras. Foram, todas, ocasiões para reconquistar a graça do encontro que aconteceu anos atrás. Estou cheia de gratidão pelo que está em minha volta e pelo que vivo. O primeiro ponto de descoberta foi este. Depois, surgiram algumas perguntas: qual a natureza dessa mudança que de tempos em tempos percebo em mim, na minha posição diante de mim mesma e das coisas? Vejo, de fato, que a nota dominante nos dias, nos relacionamentos que vivo, muitas vezes não é essa verdade, essa simplicidade, mas é mais um cansaço, como se houvesse algum equívoco no modo de estar diante das coisas ou com meus amigos. A imagem que me vem em mente é a da maré: quando o mar sobe sou impulsionada, mas quando acontece algo de inesperado ou não acontece nada, sou empurrada para baixo. Na última Diaconia do CLU foi usada a imagem de ouvir a música ao vivo ou nos contentarmos com a versão cover. Não é que eu não me maravilho com as coisas que acontecem, mas às vezes esse maravilhamento se esvazia e o entusiasmo que vivi com minhas amigas naquela viagem ou o olhar sobre a menina estranha do exame, são ocasiões especiais que me fogem, que escorregam das minhas mãos assim que volto à rotina. O relacionamento com Quem me dá tudo

*está se tornando mais urgente e pede um nome verdadeiro: as formas às quais estava habituada não me satisfazem mais completamente. Preciso que o meu coração repouse e quero pedir cada vez mais aquilo e Quem pode permitir isso. Então, fico me perguntando como aprofundar a novidade da qual Giussani fala no texto da Escola de Comunidade, o que significa desafiar todas as pequenas coisas que acontecem e que você diz serem decisivas.*

**Carrón:** O que você nos contou é bellissimo como documentação do método: primeiro há a surpresa pelo que acontece. Enquanto uma pessoa é dominada pela ansiedade, você pode acompanhá-la sem dizer uma palavra, comunicando-lhe uma novidade apenas com a sua presença, tanto é verdade que ela não se afastou mais. O que encontrou em você? Também há a surpresa por uma liberdade vivida em todas as viagens que fez e por um modo diferente de estar junto com os amigos. O primeiro dado que deve ser reconhecido é essa surpresa. O fruto do acontecimento cristão em nossa vida é a experiência de uma surpresa. Você não fez um treinamento especial para estar de determinado modo na praia, no exterior ou diante da amiga que conheceu durante o exame. De fato, você disse que experimentou uma liberdade e um olhar novos. De onde nascem? Esta é a descoberta que é preciso fazer. Mas a primeira coisa é um reconhecimento, uma constatação: quem vive a vida da Igreja não comunica apenas palavras, mas algo do qual faz experiência e que percebe em si com surpresa. Mas depois de ter vivido estas coisas, normalmente perdemos essa consciência, de tanto que é um dom! E, então, começa a sentir dentro de si a urgência de entender até o fundo, de aprofundar a novidade daquilo que lhe aconteceu e de desmascarar um modo equivocado de estar diante das coisas ou junto com os amigos quando não percebe o que está na origem dessa novidade. Isto coloca uma questão que precisamos olhar juntos esta noite. Uma amiga escreveu: “Se a graça nos torna criaturas novas, nos recria e muda a nossa natureza, por que na vida cotidiana nos vemos “atolados” nas circunstâncias?”. É uma pergunta que também surgiu na primeira colocação.

**Colocação:** *Participando da vida comunitária da Igreja através dos gestos que o Movimento me propôs, me descobri um homem novo, como diz o ponto da Escola de Comunidade que estamos trabalhando, uma novidade que diante da morte do meu pai e das dificuldades de trabalho e de relacionamento sempre me fez olhar para Jesus e me levou muito frequentemente a dizer sim a Ele, até nos momentos mais duros.*

**Carrón:** Entendem? Não somente diante do pôr do sol ou de certos momentos particularmente prazerosos, mas também diante de momentos duros; é justamente aí que a diversidade aparece.

**Colocação:** *Num determinado momento, porém, em algumas situações da minha vida quis caminhar com minhas próprias pernas de homem novo sem considerar, na prática, que a novidade me foi dada e não fui eu quem a criou. Então eu pergunto: onde eu termino e onde Ele começa? Quando sou um homem novo, tenho o estímulo de fazer o bem, de escolher, de construir bem, mas volto ao erro muito rapidamente, me vejo pedindo um retorno da realidade pelo bem que fiz, embora teoricamente saiba que eu não fiz sozinho. Sinto toda a desproporção da pretensão que tenho. Onde está o ponto de virada sinérgico entre Deus e eu, que me faz parar de pretender e me faz ser Seu filho até o fundo?*

**Carrón:** O que você disse no fim é o início da resposta. Onde começa a virada? Quando começamos a perceber que essa novidade não entra mais na vida? Cada um o exprime de determinado modo. A primeira colocação desta noite falava de “equivoco” e você fala de “caminhar com as próprias pernas”. O problema está todo aí, porque, como você diz, a pessoa se esquece que essa natureza nova nos foi dada. E quem se afasta da origem, da fonte que doa essa natureza, num determinado momento verifica que sozinho não se mantém de pé. Por isso, intui que o ponto é: como tornar-se cada vez mais filho para não se afastar da origem. E aqui aparece uma questão da qual se fala no texto de Escola de Comunidade e que pode ser esclarecida a partir do que você disse agora. Qual é a causa desse equivoco pelo qual, a um certo ponto, achamos que podemos caminhar sozinhos com as próprias pernas?

**Colocação:** *Há um ponto da Escola de Comunidade que tenho dificuldade de entender: a diferença entre relacionamento individualista e pessoal. Intuo a resposta, mas apenas de modo teórico, não na carne. Além disso, corro um sério risco de que o meu relacionamento com Jesus se torne intimista, um refúgio da realidade, ao invés de um impulso para enfrentá-la. Gostaria de pedir que você desse algum exemplo concreto.*

**Carrón:** A frase à qual você se refere é: “A vida cristã nunca pode ser concebida como um relacionamento individualista com Cristo; é, antes, um relacionamento profundamente pessoal com Ele” (p. 288). Alguém descobriu isso? Onde?

**Colocação:** *Conto o que me aconteceu depois do Centro do CLU da semana passada. Era um período em que estava tendo muita dificuldade, estava cheia de dúvidas sobre o cristianismo e, conseqüentemente, também sobre o Movimento e sobre os meus amigos. Porém, naquela manhã, ouvindo você e aqueles que se colocavam, reaconteceu de modo inesperado. Além disso, não estava fisicamente presente, eu seguia via internet. Conforme as pessoas se colocavam, sentia crescer dentro de mim o desejo de poder participar totalmente, sem reservas, daquilo que estava acontecendo e percebia uma unidade rara em mim e com aqueles que estavam em minha volta. Digo uma unidade rara, porque no fundo experimento sempre um mal-estar com todos, um incômodo que me faz sentir distante até dos meus amigos. Porém, ali, essa distância foi completamente eliminada e, então, me perguntei: “O que há aqui? O que aconteceu esta manhã? Na noite daquele mesmo dia alguns amigos vieram estudar no meu apartamento, alguns dos quais não via há tempos, e, inicialmente, tinha medo de que fosse um pouco estranho. Porém, o que tinha acontecido de manhã era tão preponderante que tinha necessidade de buscar a mesma coisa ali com eles e, então, comecei a contar sobre o Centro e a falar com meu amigo com uma liberdade que não é minha, e a estudar mais intensamente. Desejo essa unidade para a minha vida. Depois, por causa de algumas dificuldades que aconteceram no apartamento, essa pergunta, esse desejo de unidade tornou-se mais urgente. Falei sobre isso com um amigo, o qual, enquanto me lamentava por tudo o que não estava bem, me perguntou: “O que você está vivendo?”, como se me dissesse: “O que você está buscando nos seus dias?”. Ele ofereceu-me uma hipótese diferente, porque eu já tinha esquecido que só quando O busco posso começar a tratar tudo de modo diferente. Neste mês, através de muitos fatos, voltou forte o desejo de que Ele possa invadir toda a minha vida. Ler estas páginas da Escola de Comunidade me provocou muito porque, antes de mais nada, me fez olhar novamente para meus amigos, minhas colegas de apartamento e meus professores como rostos através dos quais pode passar a presença de Cristo. E me fez lembrar que o meu relacionamento com Cristo não é individualista, mas acontece justamente em alguns rostos e em alguns gestos precisos. Porém, quando leio que “a Igreja [...] é o lugar onde Cristo continua indefectivelmente no tempo” (p. 285) e que “o sacramento é o divino que se torna sensível no sinal, por meio de uma presença que derruba todos os limites deste sinal” ou que “a potência salvadora de Cristo no mundo, [...] a Sua capacidade de mudar o mundo [...] coincide com a comunidade cristã” (p. 291), sinto ainda uma distância de tudo isso, como se uma unidade assim não fosse completamente possível.*

**Carrón:** Como você descreveu o individualismo? “Era um período em que tinha muita dificuldade, estava cheia de dúvidas sobre o cristianismo e, conseqüentemente, também sobre o Movimento e meus amigos”: você se concebia praticamente separada. Depois fez a experiência de uma coisa diferente: participando do Centro do CLU, “ouvindo você e aqueles que se colocavam, reaconteceu de um modo inesperado”. O que aconteceu? “Conforme as pessoas se colocavam, sentia crescer dentro de mim o desejo de poder participar”, ou seja, de se ligar a algo que estava acontecendo neles, e “a distância foi eliminada”. Aqui vemos como se passa do individualismo à personalização do relacionamento com um outro. Por isso, você se perguntava: “O que há aqui? O que aconteceu?”. Às vezes essa passagem é tão imperceptível que não a percebemos. Se você não tivesse participado daquele gesto, ainda estaria distante, separada, ou seja, isolada. Ao contrário, participando de um lugar onde as coisas acontecem tão potentemente que chegam a lhe atrair,

envolver, arrastar a ponto de gerar o seu eu, você começa a buscá-Lo, nasce “um forte desejo d’Ele”, ou seja, d’Aquele pelo qual você é feita e começa a perceber o que é a pessoa: não o indivíduo isolado, mas o eu como relacionamento com um Outro, com Ele. E, então, começa a olhar para os amigos, para as colegas de apartamento, para os professores como “rostos através dos quais pode passar a presença de Cristo”. Desse modo, o relacionamento começa a deixar de ser individualista e se torna algo pessoal, porque descobre que o relacionamento com Cristo não é individualista e que a Igreja é o lugar onde Cristo continua presente, e compreende que o sacramento é o gesto no qual o divino se torna sensível em um sinal. Depois trabalharemos também o último ponto, que fala da nossa distância de tudo isso, mas, agora, a questão é começar a ver como o fato da Igreja, o fato da comunidade cristã, nos tira do individualismo atraindo-nos para um lugar do qual a pessoa deseja participar, que é o que Jesus, em primeiro lugar, fez: atraindo os Seus para um relacionamento com Ele começou a fazer emergir a pessoa. Porque sem Ele não haveria a pessoa, haveria apenas o indivíduo isolado. Portanto, para superar até o fundo o equívoco ou a tentativa de caminhar apenas com as próprias pernas, o que é necessário? É necessário entender a natureza dos relacionamentos. Qual é a diferença entre um relacionamento individualista e um pessoal? É exatamente “uma postura do indivíduo que, ou se coloca diante das coisas na brevidade do seu ‘eu’ isolado [como você se colocava antes de participar do Centro do CLU: um eu isolado], ou se percebe como sujeito de relações [envolvido dentro de uma relação] [...], pois a sua essência [a sua essência como sujeito] é relação com o Infinito” (p. 288), que é o verdadeiro conceito de pessoa.

**Colocação:** *As duas últimas semanas foram um pouco difíceis para mim, um daqueles clássicos períodos nos quais se tem muita coisa para fazer; obviamente todas aparecem ao mesmo tempo e você não pode parar, sempre tentando correr atrás das coisas. Saía bem cedo de manhã e voltava tarde da noite, entre trabalho, estudo, grupos de canto, coral nas Missas solicitados de última hora, compromissos no Colégio; em suma, um grande “delírio”. Comecei a entrar num piloto automático e, sobretudo, percebi – mas só depois – que tinha perdido um pouco o sentido de por que vale a pena fazer tudo, se desgastar desse modo. E me dei conta porque, no período de poucos dias, aconteceram três mortes que me derrubaram. Primeiro uma jovem universitária, amiga de um amigo, morreu em pouco tempo por causa de um tumor; depois uma menina de outra Faculdade foi morta por um tiro de revólver disparado pelo namorado (parece que foi um acidente); e, por fim, a morte inesperada durante o sono do jogador da Fiorentina (que me chocou muito não só porque sou apaixonado por futebol, mas porque um jogador importante é a pessoa clinicamente mais controlada do universo). Diante de tudo isso, não pude deixar de me perguntar: “E eu, por que faço tudo se posso não acordar na manhã seguinte ou se em dois minutos posso não existir mais?”. Percebi que estava um pouco habituado, ultimamente, a fazer as coisas porque tenho amigos e, estando com eles, me sinto bem. Fiquei muito ferido ao descobrir que nem eles me bastam.*

**Carrón:** Atenção! Podemos estar envolvidos em muitos relacionamentos, mas quando a vida aperta, eles não bastam. E então? O que nos tira daquele isolamento da percepção de nós mesmos?

**Colocação:** *Exatamente porque me dei conta de que não me bastavam, realmente não, percebi que preciso de algo mais infinito. Graças a Deus, posso dizer que encontrei este algo, porém preciso vê-Lo novamente. Então, nestes últimos dias foi dramático, mas também libertador, viver cada instante com o pedido: “Senhor, faz com que eu possa sempre mais reconhecer-Te naquilo que me dás para fazer, nos encontros e nas circunstâncias”. E é realmente bonito perceber que, aos poucos, cada vez mais começo a ver novamente que o Senhor me dá muitos presentes cotidianamente e que a única coisa de que realmente preciso é dar-me conta de que Ele está sempre presente e me ama com um amor infinito.*

**Carrón:** O que nos tira do individualismo é esse reconhecimento que passa através de tudo o que o Mistério nos dá: a realidade, os amigos, a comunidade cristã. Sem este relacionamento, cuja essência – como diz Giussani – é relação com o Infinito, a solidão não teria sido vencida e, portanto, nem o individualismo. Por isso você começa verdadeiramente a dar-se conta do que é

crucial e, então, pede: “Senhor, faz com que eu possa sempre mais reconhecer-Te naquilo que me dás para fazer, nos encontros e nas circunstâncias”, ou seja, que em tudo o que faço eu possa viver em relacionamento com o Infinito que vem ao meu encontro no sinal. Essa é a “mudança” que aos poucos acontece na vida.

**Colocação:** *Senti-me particularmente questionada pelo texto que estamos trabalhando neste período. Cito um trecho: “No homem do qual Cristo se aproxima e que livremente deseja e consente o relacionamento com Ele – e por isso na Igreja –, verifica-se uma mudança na sua natureza de homem. Trata-se de uma ‘exaltação’ ontológica do eu” (p. 279). Lendo isto, imediatamente me perguntei: o que é essa “mudança”? Onde se manifesta? Ao ouvir a palavra “mudança”, ou seja, alteração, logo a associo com uma medida. Dou um exemplo. Sou uma pessoa que tem um caráter inseguro e indeciso, mas nos últimos meses esse meu aspecto se manifestava pouco, tanto que pensava: finalmente estou crescendo, olhe como estou mudada, estou mais decidida! Porém, neste último período, parece que estou pior do que antes. Eu e meu namorado decidimos nos casar, então há decisões importantes que precisam ser tomadas e, sobre as questões concretas, mudo de ideia milhares de vezes. Lendo o texto da Escola de Comunidade, pensava: onde está essa mudança se eu, ao invés de melhorar, pioro? Então, aconteceu um fato. Depois de um dia em que meu namorado tinha ficado bastante irritado comigo – até justamente – por causa das minhas constantes mudanças de ideia, ao se despedir, disse: “Quando nos vemos de novo?”. Ele queria me ver de novo! Como isso é possível? Para mim, era uma coisa inexplicável, eu mesma não me suportava mais. Pensando sobre a Escola de Comunidade, me pareceu ter intuído algo a mais: a mudança que Cristo trouxe para a minha vida não é o melhoramento da minha pessoa, uma maior perfeição ou autossuficiência. Quando penso na mudança deste modo, fico mal e sufoco porque acho que tudo está nas minhas mãos. Porém, a mudança que Cristo trouxe para a minha vida é o próprio fato da Sua presença. O que me muda é a consciência de que sou amada assim, uma consciência que muitas vezes decai, mas que renasce nos fatos e na experiência que vivo. O reconhecimento de ser amada me muda porque me enche de maravilhamento pelo fato de eu existir, pelo fato de que tudo existe, tornando-me curiosa e não fechada nos meus limites.*

**Carrón:** Esta é a mudança. Se, ao contrário, meço a mudança só pela melhora que consigo alcançar com minhas mãos, sufoco, porque me movo dentro de um horizonte individualista. Todos podem raciocinar assim. O sinal de que não é esta a novidade que Cristo introduz na vida é que eu sufoco. Assim que nos afastamos da origem, façam o teste, o alarme soa: sufocamos. E isso, paradoxalmente, nos faz entender ainda mais qual é a novidade introduzida por Cristo. Qual é? Uma mudança na percepção de mim, na minha autoconsciência: “É a consciência de que sou amada”, que estou em relacionamento com um Outro. Muda o conceito de pessoa. Mas isso não pode acontecer se a pessoa – como diz o trecho que você leu – não consente livremente o relacionamento com Ele. Não acontece mecanicamente: você deve consentir esse reconhecimento. O relacionamento que Jesus estabeleceu com você no Batismo, ou seja, o fato de que você é d’Ele, é o gesto poderosíssimo de Jesus que lhe diz: “Amiga, eu lhe quero bem. Todo o seu mal, todos os seus problemas, o seu caráter, as suas mudanças não podem manchar aquilo que você é, nem o gesto de preferência que Eu realizei na sua história através do Batismo”. Entender isso, como você disse, muda a percepção que tem de si: “O que me muda é a consciência de que sou amada”. Não é ainda o sol do meio-dia, mas é a novidade da manifestação do alvorecer de um novo dia. “A comparação que gosto de fazer é justamente a do alvorecer”: não é mais tudo escuridão como antes, mas começa a se manifestar algo diferente que ainda precisa se desenvolver. Ainda não alcançamos a meta. Não tem nada a ver com bloquear a busca! Pelo contrário, é exatamente isso que a coloca em movimento. É isso o que a Igreja é na sociedade: um lugar, a comunidade cristã, que é “o alvorecer de uma humanidade diversa, de uma comunidade humana diversa, ou seja, nova, mais verdadeira” (p. 283). Passar da alvorada ao meio-dia é um caminho pessoal, que cada um de nós deve percorrer.

**Colocação:** *Leio a página 280 de Por que a Igreja: “O homem é o mesmo homem, mas é diferente”. O novo nascimento do qual Jesus fala a Nicodemos é o da nova criatura. Já há algum tempo me percebo mudado: as coisas que antes me escandalizavam e me bloqueavam, as minhas ideias, foram esmagadas pela evidência do Tu, diante da presença presente, contemporânea, de Cristo.*

**Carrón:** Esta é a novidade: todas as suas ideias foram superadas por essa Presença, pela evidência de um Tu pelo qual entramos em um âmbito novo.

**Colocação:** *Isso aconteceu como consequência de um trabalho. Estou no Movimento há mais de vinte anos e sempre entendi a comunidade como uma mortificação de mim, porque muitas vezes não entendia as coisas e me aborrecia com a autoridade, com o chefe, com as indicações. A palavra “indicação” me parecia quase uma imposição, uma regra, convencido de que com as minhas ideias as coisas poderiam ser melhores. Não é que eu não seguia, mas é como se, seguindo o Movimento, apenas aumentasse o ceticismo e isto porque, no fim de tudo, a tentação era a de não aceitar os defeitos dos outros. O resultado, foram discussões com os amigos antigos do Movimento e, depois, um distanciamento e um fechamento. Com o tempo, essa posição é insustentável, consome você. O que me fez mudar? Tocar o fundo. Isso coincidiu também com a morte repentina de meu pai. A primeira evidência foi que comecei a me sentir mal com os velhos amigos. Coisa absurda porque, se até agora tinham sido os amigos mais queridos, significava que algo estava errado em mim. Depois, a proposta passou a não me interessar mais, passei a reclamar de tudo e a não procurar mais ninguém. Quanto mais continuava, mais me sentia mal, mais sufocava. Não aceitava o limite dos outros e, portanto, nem os meus. E, então, a reviravolta: que graça ter lido sua entrevista, que escandalizou muitos e que agora está na minha mesa de cabeceira para que possa lê-la sempre, intitulada “Não são os outros que criam os problemas, os outros nos tornam conscientes dos problemas que temos” (Jot Down, 31 de janeiro de 2017). Naquele momento, na minha pequenez, percebi que eu também era o Inominado de Manzoni: me rendi, coloquei-me de joelhos diante do Senhor oferecendo o meu nada; e começou um renascimento, como diz o primeiro capítulo de O Senso Religioso: “Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade” (p. 17). Voltei a fazer Escola de Comunidade seriamente e em cada ocasião fiz descobertas que foram, todas, acontecimentos, fatos que testemunham a presença de Cristo. Os velhos amigos, agora são mais amigos que nunca. Através deles descobri que a autoridade é o fator que nos faz crescer e nos expressarmos mais, não é um impedimento. Em poucas palavras, estou livre. Agora, se a comunidade faz algo que eu não entendo, não é mais um problema para mim, pelo contrário, é uma provocação para entender mais o caminho que precisamos fazer juntos. O Acontecimento que se dá é algo sempre novo, por isso entusiasmante e não limitante por ser algo fora de mim; é a possibilidade de conhecer mais o Mistério que está entre nós. O que me mudou? A fidelidade à companhia de Cristo. Na página 281, Giussani diz: “Quem vive o mistério da comunidade eclesial recebe uma mudança da sua natureza. Não se pode entender como essas coisas aconteçam, como esta mudança na pessoa se verifique, mas se um de nós leva em consideração tal fenômeno, se o vive, se está empenhado nele se tornará, então, diferente de modo verificável”. Concluo com uma frase que você disse durante um encontro com os responsáveis dos cantos: “O que podemos fazer pelos outros para que possam ficar entusiasmados com a experiência cristã? Chama-se ‘testemunho’. Não há outro método”.*

**Carrón:** Porque é através do testemunho que se comunica o que nos aconteceu! Os conceitos tornaram-se carne. É por força de uma experiência que você pode atravessar – como teve a simplicidade de nos contar – todos os altos e baixos da vida sem se escandalizar, porque entendeu. Giussani diz: “Não se pode entender como essas coisas aconteçam, como esta mudança na pessoa se verifique, mas se um de nós leva em consideração [segue] tal fenômeno, se o vive, se está empenhado nele se tornará, então, diferente de modo verificável” (p.281) em relação a si e aos outros. Não é um caminho individualista, mas pessoal, um caminho do qual a pessoa pode até se afastar chegando ao fundo do poço, como o Filho pródigo, chegando ao ceticismo. Mas é diferente renascer depois de ter tocado o fundo. O Mistério pode nos deixar chegar ali, porque somos teimosos, mas é justamente ali onde você pode ver a vitória sobre o seu afastamento da origem,

sobre o seu caminhar com as próprias pernas, sobre o equívoco. Então, se torna testemunha e nada mais o assusta, embora tenha chegado ao fundo do poço. Você encontrou um fundamento da sua vida que é infinitamente mais poderoso do que qualquer outra coisa. Como a Igreja nos educa a reconhecer o método de Deus para que não permaneçamos nos equívocos, não tentemos caminhar só com as próprias pernas e não caiamos na tentação do intimismo? Em um documento da Congregação pela Doutrina da Fé publicado recentemente para explicar o que o Papa Francisco pretende dizer quando fala de gnosticismo e pelagianismo, se lê: “Tanto a visão individualista como a visão meramente interior da salvação contradizem a economia sacramental, através da qual Deus quis salvar a pessoa humana” (*Placuit Deo*, V,13). Por isso, os sacramentos são o instrumento através do qual somos tirados do individualismo e do intimismo. Muitas vezes sentimos os gestos como o Batismo, a Confissão ou a Crisma como sendo algo hostil, até que a pessoa sente a necessidade de ser perdoada e, então, ir se confessar começa a se tornar uma urgência; ou quando precisa de algo realmente necessário para a vida, vai comungar como um mendicante. Assim, começamos a nos dar conta de que a Igreja responde à distância que se cria continuamente entre nós e Ele, dando-nos os sacramentos para nos resgatar nas situações em que nos encontramos.

**Colocação:** *Quero lhe agradecer por não ter desistido de chamar a nossa atenção para o trabalho sobre as eleições italianas do último 4 de março. Preciso dizer que seu chamado de atenção contínuo se tornou um bem para mim. Sou uma daquelas pessoas que não se interessam por política.*

**Carrón:** Era exatamente para você o chamado de atenção! Exatamente para aqueles que não se interessam por política.

**Colocação:** *Sempre pensei que a política não tivesse nada a ver com o cotidiano, que os políticos só olham para o próprio interesse, etc. Depois, aconteceu um fato: neste período, minha filha, que tinha começado a fazer universidade em outra cidade, voltou para casa muito desanimada porque percebeu que o curso que ela tinha escolhido não lhe correspondia. A partir disso, aos poucos explodiu uma exigência que tenho, uma exigência que já tinha, mas que sempre tentei gerenciar, manter sob controle. A exigência de ser unida, de viver como uma pessoa unida, ou seja, de ter um único modo de olhar para tudo, de ter um critério que possa valer para tudo. Como apoiar minha filha em sua dificuldade? Como posso olhar para ela? Assim, compartilhei o meu mal-estar com alguns amigos e um deles me disse: “Basta que, quando olhar para sua filha, tenha certeza de que há um bem para ela porque há um bem para você”. Quando houve a última transmissão da Escola de Comunidade, senti-me provocada e disse a mim mesma: “Se tenho essa exigência de unidade da minha pessoa, como posso não olhar também para a questão da política?”*

**Carrón:** Veem como estamos na raiz das coisas? O relacionamento com a filha é análogo ao relacionamento com a política, senão não há unidade do eu.

**Colocação:** *Pensei que se desejo viver a minha vida com unidade não posso mais excluir nada e, portanto, nem as eleições. Voltei para casa e na manhã seguinte comecei a ler seriamente os documentos que nos foram indicados. O que me impressiona é que desde o momento em que tentei olhar para as eleições com o mesmo olhar com o qual olho para minha filha, abriu-se um mundo para mim. Nasceu uma curiosidade, inclusive pelos programas políticos. Ou seja, essa exigência de unidade me levou mais longe do que todos os meus esforços, tanto que diante do resultado das eleições, pensei: “Venceu o lamento, a desconfiança ou a esperança ainda pode vencer?”. “E nós, temos esperança?”, me perguntou um amigo em uma mensagem. Ao responder para ele, algumas coisas ficaram mais claras. Primeiro: a importância, para mim, do trabalho que você nos pediu para fazer porque me permitiu não continuar sufocando a necessidade que tenho no coração. Segundo: que eu tenho esperança porque a encontrei, se chama Jesus Cristo e eu a encontrei no carisma do Movimento. Mas isso não basta porque muitas vezes em mim também prevalece o lamento, e essa esperança que tenho em Cristo precisa recontecer. Então, lembrei-me do exemplo do detento pois, mesmo que não tivesse encontrado o Movimento, provavelmente ainda teria a exigência de viver unida, porque é inerente ao homem, mas a teria olhado de modo diferente.*

**Carrón:** Tudo está ligado porque a posição da pessoa é única: diz respeito ao relacionamento com a filha, ao relacionamento com a política, ao relacionamento com tudo. Assim, percebendo qual é o verdadeiro desafio, diante do resultado das eleições nasceu em você essa pergunta – como viu prevalecer o lamento, a desconfiança, a raiva, ou o mal-estar –: a esperança ainda pode vencer? Como vocês veem, não é mais um problema de alinhamento, estamos muito além disso: o problema é se ainda há uma esperança a ser comunicada que possa, depois, ajudar a olhar bem como estão as coisas. E isto nos faz entender qual é a nossa tarefa. O que estamos fazendo no mundo? É uma bela pergunta, que cada um de nós deve olhar de frente, também e justamente diante do resultado das eleições.

### **AVISOS**

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 23 de maio, às 21h00, Continuaremos o trabalho sobre *Por que a Igreja*, da página 291 até a página 304, até que seja publicado o texto dos Exercícios da Fraternidade. Assim, completamos a parte sobre os sacramentos trabalhando os pontos: “Na participação livre do indivíduo”, “Resposta a uma objeção” e “O sacramento como oração”. Trabalhem com seriedade para nos ajudar a começar a viver os sacramentos do modo mais verdadeiro possível. É parte da educação da Igreja ajudar a compreender o significado destes gestos tão simples, mas tão decisivos para percebermos todo o alcance daquilo que vivemos, senão não chegamos ao núcleo do Mistério. Na Escola de Comunidade de Maio trabalharemos esta parte junto com a Introdução dos Exercícios da Fraternidade.

Exercícios Espirituais da Fraternidade. Lembro que o gesto começa com o jantar da sexta-feira. Peço que levem em conta isso para definir um horário de saída adequado, considerando o trânsito. O gesto dos Exercícios é feito também de silêncio, canto, oração e atenção ao outro. Por isso, disponhamo-nos, pelo menos durante um fim de semana por ano, a vivê-lo em sua totalidade para que se torne incisivo em nossa vida.

Encontro do Papa com os jovens italianos. Nos dias 11 e 12 de agosto o Santo Padre encontrará, em Roma, os jovens italianos em preparação ao Sínodo dos Bispos que acontecerá em outubro. O Movimento adere ao convite do Papa através de diversas modalidades de participação. A primeira, dirigida exclusivamente aos que terminaram o ensino médio – recém-formados e formandos –, é uma peregrinação que acontecerá a partir de Quarta-feira, 8/08, em Roma e região e se concluirá com a participação na Vigília com o Papa no Circo Massimo, no Sábado dia 11/08, e na Santa Missa na Praça São Pedro no Domingo, dia 12/08. Todos os outros jovens – estudantes das escolas de ensino médio, universitários e jovens trabalhadores com idade entre dezesseis e trinta anos – estão convidados para a Vigília de Sábado e para a Santa Missa de Domingo. Uma outra possibilidade de participar do encontro com o Papa será a adesão às peregrinações propostas pelo Bispo da própria Diocese.

Semana Santa. Que nos encontre a todos desejosos e prontos a nos lançar com toda a nossa vida, nossas dificuldades, nossas perguntas diante daquilo que a Igreja nos propõe na liturgia pascal, identificando-nos com o mistério do amor de Cristo, que nada consegue deter, chegando à entrega total da Sua vida por nós para podermos vê-Lo ressuscitado, enchendo, assim, a nossa vida de esperança.

Boa Páscoa a todos!

*Veni Sancte Spiritus*